



**GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA
INSTITUTO DE SEGURANÇA PÚBLICA**

NÚCLEO DE PESQUISA EM JUSTIÇA CRIMINAL E SEGURANÇA PÚBLICA

PESQUISA: “AVALIANDO O SENTIMENTO DE INSEGURANÇA NOS BAIRROS DO RIO DE JANEIRO”

**COORDENADORA: DR^a ANA PAULA MENDES DE MIRANDA
DIRETORA-PRESIDENTE DO ISP**

I – Introdução

A pesquisa “Avaliando o Sentimento de Insegurança nos Bairros do Rio de Janeiro” foi realizada pelo NUPESP – Núcleo de Pesquisa em Justiça Criminal e Segurança Pública, sob a coordenação da Dra. Ana Paula Mendes de Miranda e com apoio financeiro da FAPERJ, tendo como objetivo dimensionar o sentimento de insegurança dos moradores de alguns bairros da cidade do Rio de Janeiro, com diferentes perfis socioeconômicos.

Por sentimento de insegurança, entendeu-se as sensações de medo individual ou coletivo, expressas de modo verbal ou comportamental. Este sentimento se estrutura a partir de situações vividas, mas também de percepções subjetivas dos fatos acontecidos.

II – Metodologia

Realizou-se, entre os meses de abril e setembro de 2004, uma pesquisa quantitativa, de cunho comparativo.

Foram selecionados nove bairros da cidade do Rio de Janeiro, com características distintas: Lagoa, Copacabana e Botafogo (Zona Sul), Pavuna, Méier e Bonsucesso (Zona Norte), e Campo Grande,

Bangu e Santa Cruz (Zona Oeste), considerando-se como critérios para essa seleção o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), a taxa anual de homicídios por mil habitantes e a população residente acima de 15.000 habitantes. Foram entrevistados, no total, 3.600 moradores desses bairros (400 pessoas em cada bairro), todos com idade a partir de 18 anos.

	Número de Vítimas de Homicídio Doloso**	População*	Taxa Anual de Homicídio Doloso por 1.000 Habitante**	Índice de Desenvolvimento Humano***	Índice de Renda***	Índice de Longevidade***	Índice de Educação***
Bonsucesso	96	18.889	5,08	0,861	0,827	0,828	0,928
Pavuna	87	99.710	0,87	0,790	0,717	0,738	0,915
Campo Grande	180	330.821	0,54	0,810	0,751	0,747	0,931
Lagoa	2	17.182	0,12	0,959	1,000	0,882	0,996
Botafogo	10	76.699	0,13	0,952	0,979	0,888	0,990
Copacabana	9	138.835	0,06	0,956	1,000	0,880	0,990
Bangu	131	259.674	0,5	0,794	0,723	0,746	0,913
Méier	15	51.981	0,29	0,931	0,926	0,873	0,993
Santa Cruz	147	196.603	0,75	0,742	0,662	0,675	0,887

*População Estimada para dezembro 2003, por NUPESP/ISP.

**Dados calculados por NUPESP/ISP.

***Base IPP - Instituto Pereira Passos (tabela 6.2.22), site: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/lnk/arvore/verarqs.asp?codget=6.2.

III – Perfil

A maioria dos entrevistados, aproximadamente 64%, tinha entre 25 e 59 anos, onde as mulheres representaram 54% do total. A escolaridade variou, em pelo menos 50% dos casos, entre o 1º grau completo (ensino fundamental) e o 2º grau completo (ensino médio), com exceção do bairro da Lagoa, onde mais de 60% dos entrevistados possuíam o curso superior completo.

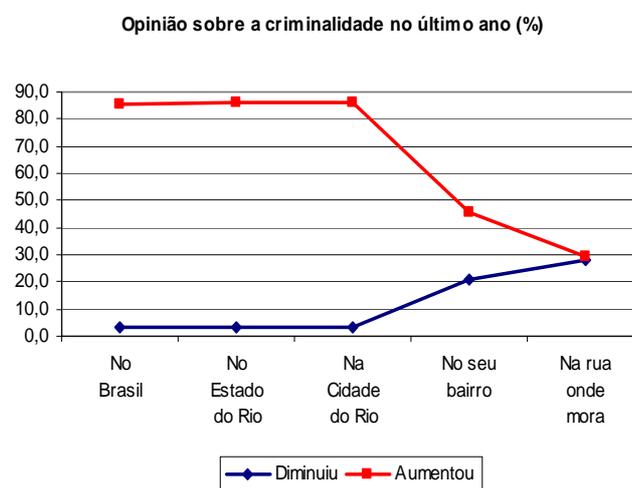
Quanto à ocupação, a maioria dos entrevistados estava inserida, nas seguintes categorias: empregado com carteira assinada (21,7%), dona de casa (17,7%), empregado autônomo (15,3%) e aposentado (15,1%). Apontando singularidades, os bairros de Santa Cruz, Pavuna e Campo Grande apresentaram os maiores percentuais de desempregados. E na Lagoa, destacaram-se também os percentuais de profissionais liberais, empregadores, estudantes e funcionários públicos.

Com relação à renda familiar, três bairros apresentaram os padrões mais elevados de renda, em comparação com os demais bairros pesquisados, são eles: Lagoa, onde 54,8% dos entrevistados declararam ter renda familiar acima de dez salários mínimos; Copacabana e Méier com 44,5% e 55,9%, respectivamente, ganhando mais de cinco salários mínimos. Já para os demais bairros, mais de 40% dos entrevistados ficaram no patamar entre dois e cinco salários mínimos, com exceção do bairro de Botafogo, localizado numa situação intermediária entre esses dois grupos, onde 37% ganhavam entre dois a cinco salários, e 32% ganhavam mais de cinco salários.

IV - Análises Preliminares

1. Quanto ao sentimento de insegurança

Com relação à percepção dos entrevistados sobre ter havido aumento ou diminuição da criminalidade no último ano, considerando-se o Brasil, o Estado do Rio de Janeiro, a cidade, o próprio bairro e a rua em que moram, pode-se perceber que existe uma maior tendência a achar que nos locais mais próximos de sua residência, e, portanto de sua experiência pessoal, a criminalidade diminuiu.



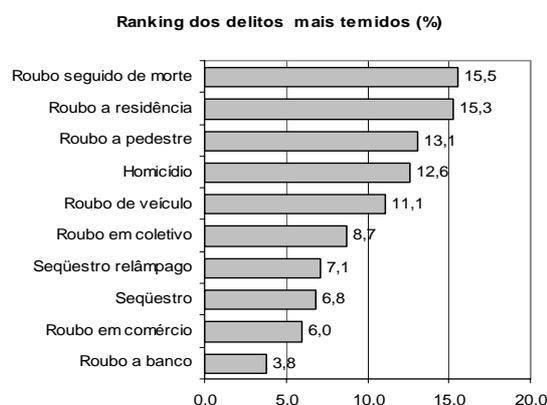
Esse fato vai ao encontro de estudos que apontam, ao longo da história, a distância e o desconhecido como fatores de insegurança. Talvez por isso, 70% dos entrevistados dos nove bairros nunca sentiram vontade de mudar de local de residência por causa da criminalidade, apesar de se mostrarem temerosos com relação à probabilidade de serem vítimas de diversos delitos.

Outra verificação é que a maioria dos entrevistados (51,7%) se sente mais insegura no seu bairro quando anda nas ruas, no entanto somente 0,2% do total da população dos nove bairros pesquisados registrou ter sido vítima de roubo a transeuntes em 2003.

Apenas 19,5% se sentem mais inseguros nos transportes públicos e 12,9% em carros particulares. A casa se apresenta como o local de maior segurança, sendo apontada somente por 3,6% dos entrevistados como o lugar em que se sentem mais inseguros e, efetivamente, somente 0,02% dos moradores desses bairros tiveram suas residências roubadas. Mais de 10% dos entrevistados responderam não sentir insegurança em nenhum dos locais acima mencionados.

Se considerarmos que mais da metade dos entrevistados se sente insegura ao andar pelas ruas de seu bairro, é curioso que 63% não temam ser vítimas de roubo nesse local, o que indica que o sentimento de insegurança nesse caso não está diretamente relacionado ao medo de assaltos, tanto que 62% consideram pequena ou nenhuma a chance de serem assaltados em seus bairros. Vale notar que o medo de ser seqüestrado também não é fator de insegurança entre os entrevistados, já que 81% declararam não temer esse delito.

Levando em consideração aqueles que disseram temer algum tipo de delito, tem-se no ranking dos mais mencionados, o roubo seguido de morte (16%), o roubo a residência (15%) e o roubo a pedestre (13%).



A presença de fatores de ordem subjetiva no sentimento de insegurança pode ser verificada quando analisamos, de forma comparativa, dados específicos de alguns dos bairros pesquisados. Por exemplo, 47% da população da Lagoa temem ser vítima de roubo seguido de morte, apesar de não ter havido nenhum registro desse delito no bairro em 2003. Em Campo Grande, onde ocorreram 8

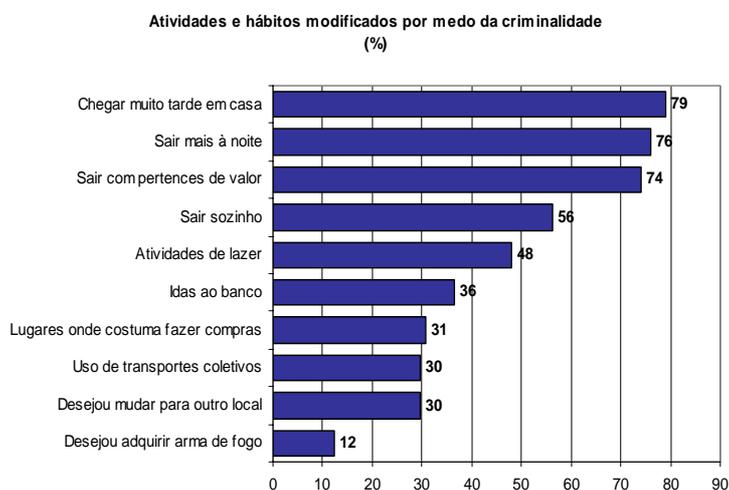
latrocínios nesse mesmo período, 44% dos moradores se disseram temerosos de serem vítimas do delito.

Dos entrevistados, 66% afirmaram saber reconhecer um local perigoso. A percepção da periculosidade de determinados locais está relacionada aos seguintes fatores: pouco movimento (21%), má iluminação (20%), proximidade de favelas (14%). A caracterização de pessoas como suspeitas e, portanto, cuja presença provoca medo, passa pelos seguintes aspectos: comportamento estranho (32,7%), maneira de olhar (29,5%) e aspecto físico (22,5%).

2. Quanto à necessidade de autoproteção

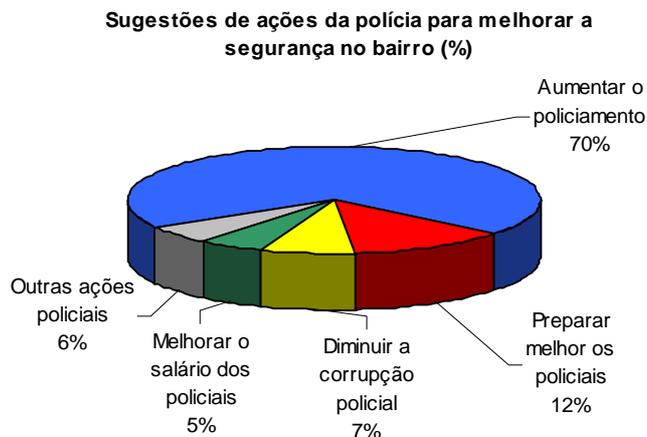
É digno de nota que 88% dos entrevistados nos nove bairros pesquisados responderam que não desejam possuir armas de fogo, o que indica que a população não quer utilizar esse tipo de proteção, respaldando a Campanha do Desarmamento, empreendida atualmente pelo Governo do Estado e Governo Federal. A Lagoa foi o bairro que apresentou maior número de moradores desejosos de possuir armas de fogo para autoproteção (16%), e Bonsucesso o segundo menor número (9,5%), no entanto, a taxa de homicídios dolosos por mil habitantes para o ano de 2003 é de 0,12 na Lagoa e de 5,08 em Bonsucesso.

Mais de 53% dos entrevistados afirmaram terem modificado hábitos ou atividades do dia-a-dia por se sentirem inseguros com a criminalidade. As alternativas mais citadas foram: evitar chegar muito tarde em casa (79%), evitar sair de casa à noite (76%) e sair com pertences de valor (74%).

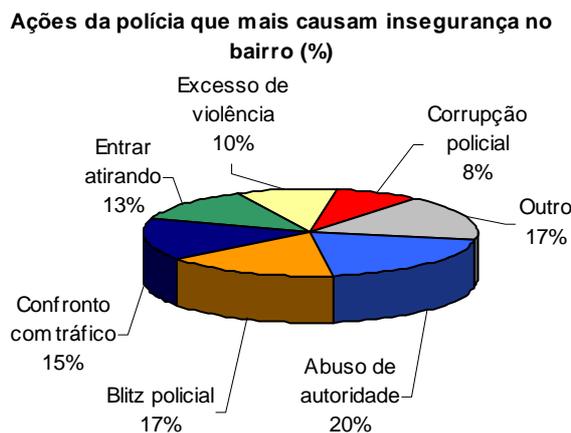


3. Quanto à atuação e imagem da polícia

Apesar da demanda por mais policiamento ser, dentre as ações para melhorar a segurança, a principal reivindicação de todos os bairros (55% dos entrevistados), mais de 70% afirmaram não confiar na Polícia Militar, que é justamente a encarregada do policiamento ostensivo.



Por outro lado, 55% dos entrevistados também não vêm na atuação policial fator de insegurança nos seus bairros. Entre as ações policiais apontadas por 45% dos entrevistados como causadoras de insegurança estão: abuso de autoridade (20%), blitz (17%), confronto com traficantes (15%), entrar em ação atirando (13%), excesso de violência (10%) e corrupção (8%).



Quanto à imagem das polícias, 60% dos entrevistados considera de regular a ótima a Polícia Militar, contra 40% que a vêem como ruim ou péssima. Para 70% dos entrevistados, a Polícia Civil é vista como de regular a ótima, contra 30% que a consideram ruim ou péssima.

Na Lagoa, a imagem das polícias é um pouco pior: a Polícia Militar é considerada ruim ou péssima por 60% dos moradores e 50% vêem a Polícia Civil do mesmo modo. Entretanto, o bairro

acompanha a tendência de demanda por maior policiamento: 54% de seus habitantes gostariam que a presença da polícia fosse reforçada.

4. Quanto ao papel da imprensa

Todo estudo sobre o medo merece analisar a mídia. Enquanto 48% dos entrevistados consideram que a imprensa retrata com fidelidade os acontecimentos relacionados à criminalidade na cidade do Rio de Janeiro, 30% acham que a imprensa exagera ao noticiá-los e 21% julgam que a imprensa diminui sua dimensão e importância.

A maioria dos entrevistados (77%) também concorda que as notícias sobre criminalidade na cidade do Rio de Janeiro têm mais destaque nos meios de comunicação do que as que se referem a outras cidades do país. Entre os que justificaram essa observação, 35% apontaram a atuação do crime organizado como fator desse destaque e 24% indicaram o fato da cidade já ter fama de violenta como razão da maior atenção dispensada pela mídia.